

## Um desejo chamado ensaio\*

A Desire Named Essay

NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de História: a viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-grande e Senzala e a representação do passado*. São Paulo: Editora UNESP, 2011. 486 p.

---

### Lidiane S. Rodrigues

lidianesr@uol.com.br

Pós-doutoranda

École des Hautes Études en Sciences Sociales

190-198, Avenue de France

75244 - Paris

France

---

### Palavras-chave

Ciências sociais; História da historiografia; Brasil.

### Keywords

Social sciences; History of historiography; Brazil.

258

---

Recebido em: 9/12/2013

Aprovado em: 10/3/2014

---

\* Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Fapesp.

*Um estilo de História: a viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-grande e Senzala e a representação do passado*, de Fernando Nicolazzi, publicado pela editora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), é resultado de tese de doutorado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O trabalho venceu o 2º Prêmio Manoel Luiz Salgado Guimarães de Teses de Doutorado, conferido pela Associação Nacional de História (ANPUH) em seu encontro anual em 2011, realizado na Universidade de São Paulo (USP); passou também para a segunda fase da afanosa disputa do prêmio Jabuti, na categoria de Ciências Humanas. Como sói ocorrer, os leitores seduzidos pelos louros visitariam o livro por tais credenciais de visibilidade. Por mais merecidas que sejam, não são elas, contudo, os únicos elementos nem os mais substanciais a suscitar interesse. Nos termos do autor, trata-se de um “conjunto de ensaios travestido em tese universitária” (NICOLAZZI 2011, p. IX). O livro é constituído por três partes relativamente autônomas, que, partindo de questões diversas, entrelaçam-se, convergindo para o que se poderia chamar de “um desejo chamado ensaio”.

A primeira parte constitui-se de dois capítulos: “Recepção de *Casa-grande e Senzala* nos trópicos” e “O prelúdio da obra: um livro em seus prefácios”. Nela, Fernando Nicolazzi, primeiramente, percorre a trilha dos temas que marcaram a recepção da obra de Gilberto Freyre, com especial atenção para os momentos iniciais, coevos da primeira edição; bem como à comemoração dos 25 anos da publicação do livro, da qual resultou uma obra publicada em 1962, *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte – ensaios sobre o autor de Casa-grande e Senzala e sua influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos do 25º aniversário da publicação desse seu livro* (NICOLAZZI 2011, p. 57-89). O procedimento de retornar à primeira recepção de obras e autores canônicos tem sido recorrente nos estudos de história intelectual, nas mais diversas áreas – crítica literária, historiografia, história das ciências sociais. Em geral, as pesquisas apreendem alguns lugares-comuns, curiosamente repetidos de modo irrefletido pelos leitores ao longo do tempo.<sup>1</sup> Nicolazzi procura dar outro rendimento a esse recuo, situando-se como interlocutor dos primeiros leitores de Freyre. Assim, os eixos analíticos da recepção são retrabalhados por ele em seu estudo, particularmente o ensaísmo entre ciência e literatura, a experimentação linguística atrelada a essa posição híbrida no cenário do modernismo e a relação do livro e do autor com Euclides da Cunha e *Os sertões*. Desse modo, a recuperação evidencia o “escopo do livro”, “pela relação estabelecida com outros analistas que, de tal ou qual maneira, já percorreram determinados pontos desta pesquisa” (NICOLAZZI 2011, p. 42). Ligando seus esforços às modalidades mais avançadas de análise dos artefatos culturais da cultura letrada, Nicolazzi empenha-se também em examinar os prefácios de Freyre para as edições brasileiras de *Casa-grande e Senzala* como “forma por ele escolhida tanto para responder às incessantes críticas (positivas ou negativas)

<sup>1</sup> O trabalho de Hélio de Seixas Guimarães (2013) é surpreendente e exemplar a este respeito. O autor analisa a recepção da obra de Machado de Assis, reconstruindo os vários “Machados” construídos pelos críticos literários que se ocuparam dele.

a seu trabalho, quanto para se firmar, firmando o livro, no ambiente intelectual do Brasil". Eles se prestam à "manutenção do nome do autor, bem como para a permanente reatualização do título como obra fundamental de interpretação da História da pátria. Com isso, torna-se perceptível a produção de um *lugar* a partir do qual Freyre atua" (NICOLAZZI 2011, p. 42-43).

A segunda parte possui dois capítulos, a saber: "À sombra de um mestre: Euclides da Cunha e *Os sertões*" e "Sobre a distância em *Os sertões*: o olhar, o tempo, a representação". No primeiro, novamente, o autor recupera a recepção inicial d'*Os sertões* (vale lembrar, publicado pela primeira vez em 1902); no segundo, privilegiando os eixos anunciados (olhar, tempo, representação), mergulha na letra do texto. Se os primeiros leitores d'*Os sertões* – com destaque para Sílvio Romero, José Veríssimo, Oliveira Lima e Afrânio Peixoto – permitem assinalar a inauguração de uma "forma distinta de discurso sobre a nação, deslocada em relação à Literatura e à História literária" (NICOLAZZI 2011, p. 43) predominantes num período anterior de nossa história intelectual, oferecem também o *leitmotiv* da terceira parte do livro de Nicolazzi, cuja *overture* parece esconder-se numa seção desta segunda parte denominada "Freyre leitor de Euclides". O "sábio de Apipucos" poderia ser mais um elo na sucessão de leituras que constituem a recepção d'*Os sertões*. Porém, diferentemente dos demais, a se crer na fortuna crítica de ambos, *escreveu a obra de sua vida com e contra a obra da vida de Euclides*. Nicolazzi decidiu explorar esse capítulo de nossa história intelectual elegendo como chave de leitura dos livros o "olhar", a "temporalidade" e a "representação" e suas relações com as viagens que propiciaram a concepção das obras. No caso de Euclides da Cunha, a viagem ao sertão – que não recebe um tratamento equivalente à viagem de Gilberto Freyre –, cujo mote foi o exílio decorrente da posição política do autor em 1930, quando Getúlio Vargas assume a presidência (ele era secretário particular do governador de Pernambuco, Estácio Coimbra, partidário de Washington Luís).

260

Ao resumir a apresentação que Gilberto Freyre faz do livro *Canudos: diário de uma expedição*, para a edição de José Olympio de 1939, Nicolazzi assinala por meio de quais critérios Euclides é julgado. Segundo ele, Gilberto empurra Euclides para o "espaço da Literatura", deslocando uma obra "que era considerada, e não por poucos, a mais bem acabada interpretação dos problemas brasileiros". Com isso, "criava um importante contraponto para sua própria obra, definida por ele, pelo menos nesse momento, como obra predominantemente sociológica, isto é, algo distinto da Literatura; enfim, um ensaio de interpretação histórica" (NICOLAZZI 2011, p. 174). Esta não seria a única vez em que Freyre emitiria juízos a respeito d'*Os sertões* – dando sinal, diga-se de passagem, de como a obra de Euclides se tornava incontornável para aquele que quisesse alcançar alguma proeminência na matéria histórica nacional. No balanço de Nicolazzi, sendo "inegável o reconhecimento que [Freyre] tem do valor e das imensas contribuições dela [a obra de Euclides] para a compreensão do processo social brasileiro" é "clara também sua tentativa de deslocá-la da posição que assumia" (NICOLAZZI 2011, p. 179).

A terceira parte é composta de três capítulos: "Gilberto Freyre viajante: olhos seus, olhares alheios"; "Uma retórica da identidade: a memória e a representação do mesmo"; "As virtudes do herege: ensaísmo e escrita da História". Trata-se de um paciente esforço de conferir precisão aos nexos entre os procedimentos propriamente historiográficos empregados pelos dois autores – que, para Nicolazzi, são aleatoriamente "colocados" "no grupo dos ensaístas intérpretes do Brasil, os redescobridores do Brasil", procurando expor suas "formas distintas de compreensão da História nacional, do processo de formação da nação e da nacionalidade brasileira" (NICOLAZZI 2011, p. 181). Ele estabelece, então, um conjunto de contrapontos entre Euclides e Gilberto, entre *Os sertões* e *Casa-grande e Senzala*. As obras apresentam "modelos diversos de elaboração para um tempo próprio para a nação" (NICOLAZZI 2011, p. 182): "o livro de Euclides [é escrito]" "sob o signo da distância e é precisamente aí que reside a principal distinção", que "não está apenas na ênfase no conflito, para um, ou na harmonia, para outro; essa é apenas uma de suas feições mais aparentes". Fundamentalmente, "ela se encontra na distinção das formas de organização da experiência de tempo e, por conseguinte, de representação da História que se tornam manifestas no processo de produção dessas duas grandes obras de interpretação histórica da nação" (NICOLAZZI 2011, p. 185). Diferentemente de Euclides, em cuja obra o outro é o sertanejo, para Freyre, a Europa é a alteridade. Nesse sentido, enquanto há em Freyre o "trabalho de como construir uma identidade com o lugar (Brasil)" (NICOLAZZI 2011, p. 287); Euclides, em sua "matriz naturalista", é marcado pelo "processo de distanciamento que emerge como obstáculo para a identificação do sujeito com o objeto, isto é, de Euclides com o sertão e o sertanejo que nele habita" (NICOLAZZI 2011, p. 249), e a "negação do próprio tempo em que se dá a observação", paradoxalmente, é parte disso. Assim, Euclides é um "documento de uma sociedade fraturada e inconciliável, pode-se pensar. Porém, as razões do lamento cabem a cada leitor em particular do livro" (NICOLAZZI 2011, p. 268). Em contrapartida, Gilberto, entrega sua empatia com o objeto, inclusive pelo enlace entre o conjunto do "corpo documental que pesquisou para escrever o livro" e seu "testemunho, como principal fator de comprovação para os argumentos sustentados e como garantia para a pretensão de fidelidade e veracidade na representação do passado estudado" (NICOLAZZI 2011, p. 339).

Este exercício de ensaio sobre ensaio autoriza a pensar, numa resenha, sobre o próprio ato de resenhar. É possível adotar muitas maneiras para realizá-lo. Pode-se esquecer a diferença entre resenha e notícia bibliográfica e satisfazer-se com um resumo; pode-se resumir e reclamar do que faltou – o que considero impossível para o livro em tela; pode-se cobrar o que o autor não fez, mas o resenhista faria; pode-se, também, mergulhar no raciocínio do autor e tentar surpreender impasses, propor perguntas: atitude a meio caminho de uma prosa franca. É o que faço a seguir, pois nem sempre o resenhista se depara com um livro de tal nível que o permita.

Certa vez, um professor de esquerda, cansado de ser colocado contra a parede por alunos "radicais", sempre mais à esquerda que os professores, levou

para a aula trechos de Alexis de Tocqueville e não revelou a identidade do autor. Pediu que seus alunos adivinhassem quem poderia ser aquele “arguto crítico do século XIX”. Alguma dúvida a respeito da resposta, em uníssono? Karl Marx, naturalmente. Quando me deparei com o livro de Fernando Nicolazzi tive a sorte de abri-lo por acaso no trecho abaixo. Suprimo as marcas autorais, como na provocação do professor acima, para dividir com o leitor o que me ocorreu:

[...] é, portanto, um hábil construtor de frases sonoras e convincentes, embora o resultado disso seja, na maior parte das vezes, uma deficiência evidente na elaboração de argumentos explicativos fortes e bem fundamentados. Se suas descrições encantam o espírito, favorecendo o fervor nacional para os problemas brasileiros, sua interpretação pouco acrescentaria ao desenvolvimento de uma análise social mais profunda; obra muito mais de orador que de analista. A (esta) crítica é reconhecivelmente pesada, já que [...] a justifica também de forma retórica, apelando justamente para as qualidades do escritor, em uma espécie de elogio às avessas: “quem nos deixou, como [...] páginas de que saltam intuições verdadeiramente geniais, não precisa de condescendência de crítico nenhum” (NICOLAZZI 2011, p. 177).

Era a olhadela rápida que se dá no livro, e eu concluí, contente: mais alguém, além de mim e um batalhão de estudiosos, está interessado no trabalho de estigmatização que a “escola paulista de sociologia”, especialmente Florestan Fernandes, realizou de Gilberto Freyre.

262

Cristalina e risível, minha “leitura” correspondia a um lugar-comum corriqueiro, atualmente, dos “quadros de recepção” da história do pensamento social. O trecho acima não se refere à leitura dos paulistas contra Gilberto. É a de Gilberto contra Euclides – resumida por Nicolazzi. E, no entanto, a reação não é destituída completamente de verossimilhança. Como assinala Nicolazzi, Florestan Fernandes estabelecia o elo com o trabalho de Gilberto Freyre para melhor tomar distância dele: “contra a intuição e empatia freyreanas, Florestan opõe a cientificidade sociológica” (NICOLAZZI 2011, p. 129). Do mesmo modo que Freyre em relação a Euclides? Impossível não se perguntar, depois de viajar pelo íntimo d’*Um estilo de História*. Indagando o mesmo de outro modo: o “Euclides de Freyre” é, *mutatis mutandis*, o “Freyre de Florestan”? Extrapolando: Gilberto Freyre “como obra”<sup>2</sup> seria um constructo perfeito para se investigar uma dimensão da experiência intelectual brasileira que, na falta de um nome melhor, chamo provisoriamente de “mal-estar da profissionalização”? Mudo de assunto para não sair do problema.

A questão da institucionalização das disciplinas e das consequências do padrão de trabalho profissionalizado ligado a esse processo tornou-se hodiernamente incontornável – seja na vida cotidiana, seja nos estudos de história intelectual. Um dos autores contemplados por Nicolazzi – e insuficientemente incorporado nos estudos de história da historiografia, diga-se de passagem

<sup>2</sup> A obra de um *scholar* é (p)arte de um *scholar* como obra – este é um dos motes para o desenvolvimento da pesquisa de Palmeira (2008). Vale pensar a generalização da ideia para vários tipos de autores e obras e mobilizo-a aqui rente à perspectiva adotada por Nicolazzi em relação aos nexos entre estilo de ser, pensar e sentir de Freyre (Cf. p. 363 e ss.).

–, Wolf Lepenies (1996), tratou do assunto, comparando a emergência da Sociologia, na França, na Alemanha e na Inglaterra. Seu estudo assinala que a defesa do estilo ensaístico, longe de ter sido eliminada com a institucionalização e profissionalização, repôs-se recorrentemente – apresentando-se como mote de disputas características dos períodos de modificação das condições de produção intelectual. Dito de outro modo: o gênero ensaio existe no contraponto a outros gêneros de modo relacional e não estático. Dificilmente alguém se oporia a tal palavra de ordem. E, no entanto, o que significa levar essa ideia às últimas consequências? Ensaio-o, por meio de um reparo *detalhista*.

Referindo-se às assertivas de Carlos Guilherme Mota, datadas de 1975 e defendidas como parte de uma tese, Nicolazzi afirma que elas evidenciam o que ele chama de “infortúnios da crítica, nesse momento de ânimos acirrados e disputas por territórios na produção do saber. *A profissionalização dos estudos sociais ainda não havia refletido uma postura profissional diante da obra de Freyre*” e oscilava entre “o elogio descomedido ou o desprezo político” (NICOLAZZI 2011, p. 82-83). Referindo-se a momento *anterior*, precipuamente ao intervalo entre 1957 e 1962, afirma, a respeito da distância estabelecida entre Gilberto Freyre e Florestan Fernandes [e sua equipe – polo no qual Nicolazzi localiza Mota, na qualidade de “filho pródigo da tradição paulista” (NICOLAZZI 2011, p. 130)]: “era menos de ordem política que metodológica. Instituir a Sociologia como o paradigma analítico [... implicava...] uma maneira distinta de se escrever sobre o país, *mais conceitual e menos literária*”; salvaguardando-o “das imprevisibilidades da História” e “que encontraria sua garantia fundamental nos princípios de regularidade sociológica que a sociologia científica poderia oferecer” (NICOLAZZI 2011, p. 132). No miolo das duas passagens, encontra-se a questão da profissionalização. Entrementes, na segunda, está em questão a “sociologia como ciência” – em prol da qual se colocam os sociólogos uspianos contra o ensaio; na primeira, está em questão a “ciência como prática autorregulada pelos pares, expulsando critérios heterônomos (estéticos, políticos, etc.) de juízo. Elas se ligam do ponto de vista lógico: a profissionalização pressupõe suas correlatas autonomia em relação a critérios não científicos, impessoalidade da escrita, articulação igualmente impessoal dos argumentos – o que inviabiliza o ensaio. Mas, historicamente, o cenário é sempre mais complexo: nem todas as áreas seguem esses passos com o mesmo ritmo ou na mesma sequência. A tese de Mota (de 1975) insere-se no âmbito de um departamento de História, ao passo que as investidas da equipe de Florestan, num de Sociologia (por volta de 1962). Enquanto os sociólogos, nesse intervalo de tempo, tomavam certa distância da política, o setor vizinho, historiográfico, nos anos posteriores, concentrava as energias do “radicalismo” à esquerda, instigando condutas docentes *heterônomas* em relação à área.<sup>3</sup> Em suma, seriam exemplares da profissionalização/autonomia ou da heteronomia as filiações construídas com íngreme esforço por Mota nessa “tese” ? Disso depende sua localização junto

<sup>3</sup> Realizei uma comparação desses expoentes de autonomia e heteronomia para estas disciplinas (RODRIGUES 2012, especialmente caps. 2 e 3).

ao polo científico ou antiensaio. Incontornável também é enfrentar a rotação completa: a profissionalização viabiliza, segundo Nicolazzi, a leitura mais sóbria (nem festiva nem laudatória) de Freyre – o que nos distanciaria de Mota e nos aproximaria de Florestan? Foi, contudo, a profissionalização *a la* Florestan que desbancou o ensaísmo de Freyre.

A retomada de alguns marcos nodais da história do ensaio, realizada na última seção do livro, “As virtudes do herege: ensaísmo e escrita da História”, atenta para mudanças na definição do ensaio. Ao fechar o livro, uma questão se faz imperativa (se houver disposição para se mergulhar nessa concepção relacional, dinâmica e sempre provisória dos gêneros): o que há de herético no ensaísmo entre nós, se, de fato, o preferimos a outros estilos? Convenhamos: embora o estilo de trabalho de Florestan Fernandes tenha se tornado o paradigma do “não ensaio em nome da ciência”, por um lado, essa posição foi cambiante ao longo do tempo e se liga às fases de sua trajetória; por outro, quem, hoje, entre nós e os jovens alunos ingressantes no universo da pesquisa historiográfica, faz oposição ao ensaio em nome da “ciência”? Para manter a metáfora religiosa, tão instigante para estudos de cultura intelectual: *qual o sacerdócio exorcizado ao elegermos o ensaio, construindo para nós próprios a posição social e intelectual de hereges?* (BOURDIEU 2007). Há algum consenso a respeito de “Ensaio como forma”, de Theodor Adorno, com que Nicolazzi termina o estudo, dirigir-se contra um vago parentesco entre “racionalismo moderno ocidental”, no plano da cultura mais ampla; Max Weber/Sociologia, no plano dos saberes disciplinares e Auschwitz, no plano histórico.

264

E nós? *Contra* o que nos dirigimos quando nos situamos *com* o ensaio? Arrisco-me a sugerir, não para encerrar, mas para começar a prosa: trata-se de um sintoma do mal-estar da profissionalização.

### Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: \_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Machado de Assis, o escritor que nos lê: a figura e a obra machadianas através da recepção e das polêmicas**. Tese de Livre-Docência em Teoria Literária. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- LEPENIES, Wolf. **As três culturas**. Traduzido por Maria Clara Cescato. São Paulo: Edusp, 1996.
- PALMEIRA, Miguel. **Moses Finley e a “economia antiga”**: a produção social de uma inovação historiográfica. Tese de doutorado em História. Programa de História Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- RODRIGUES, Lidiane S. **A produção social do marxismo universitário em São Paulo (1958-1978)**. Tese de doutorado em História. Programa de História Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.